

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Caroline Malvina dos Santos da Rosa

***Dá um Close nela* – a imagem do transexual em revistas brasileiras
através do ‘caso’ Roberta Close (1983-1991)**

**Porto Alegre
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Caroline Malvina dos Santos da Rosa

***Dá um Close nela* – a imagem do transexual em revistas brasileiras
através do ‘caso’ Roberta Close (1983-1991)**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de graduação em História – Licenciatura, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Adolar Koch

**Porto Alegre
2012**

AGRADECIMENTOS

Para F., que plantou a sementinha da curiosidade na minha mente e me serviu de inspiração para este tema.

Ao Prof. Adolar, por ter aceitado me orientar. Ao Prof. Fernando Seffner e aos demais professores pelos quais eu passei durante a minha formação. À UFRGS e a todos os seus funcionários.

Agradeço aos meus queridos amigos, pela amizade e carinho e principalmente por compreenderem, nos últimos tempos, minha ausência. Em especial às meninas do Clubinho, Lisiane Soares, Kátia Silveira, Mariana Balbinot, Luana Evaldt, Vanessa Evaldt, Silmara Correa e Júlio Alves. A meu irmão do coração César Meneses e ao pessoal do JLCM. Aos meus grandes amigos da Escola Técnica que acompanharam o início da faculdade e a loucura que era manter dois cursos ao mesmo tempo: Patrick Antunes, Daniel Grespan, Carla Caldas, Alexandre Mena Barreto, Eduardo Gonçalves, Alexandre Salenave e Fabiano Maciel. A Caio Ramos e Ana Paula Schildt. Às queridas colegas de trabalho que sempre me deram apoio e foram meu suporte durante a escrita do trabalho: Marina Demaman, Sabrina Pojo, Alice Neubert e Ana Paula Matei. A Leandro Balejos, pela amizade e incentivo. A André Lucas, um amigo virtual muito especial, que também é inspiração para este trabalho. A Ivanhoé Reynoso, pelo carinho, pelo amor e por estar ao meu lado, principalmente nos momentos mais difíceis.

Agradeço a todos os colegas de faculdade, pela cumplicidade e amizade durante estes anos todos. A barra 06N, que é uma turma excepcional, sempre unida e companheira. A Giovanni Biazzeto e Graziane Righ (amigos desde que entramos na Universidade e certamente amigos pra vida toda), Diogo Quirin, Bernard Prietto e Tiego Rebello (parceiros de trabalhos, provas e de Hora Feliz), Marcelo Dantas, Milene Bobsin e Nathália Cadore (que dividiram comigo a angústia e a felicidade de trabalhar com gênero), Marcus Carvalho (que acompanhou muitas e muitas madrugadas de escrita), Jeferson Andreu Knecht, Ricardo Cortez, Soraia Bertin, Mathias Scherer e Mário Aleixo.

Agradeço à toda a minha família, em especial aos meus pais. Neide, a mãe que é uma guerreira e exemplo de vida. Luis, o pai, uma das melhores pessoas que conheço e que é só

amor e compreensão! Obrigada pelo carinho, força, incentivo e por acreditarem em mim. Ao meu padrasto, Paulo. A minha irmã e ao Henrique. Aos todos meus tios e tias. À minha querida avó Rosa, por todos os sorrisos. Agradeço às minhas tias Nair e Nilza, que foram para mim como segundas mães.

Um agradecimento muito especial à minha madrasta, Jussara Vargas, que me viu entrar na Universidade, comemorou essa conquista comigo, mas infelizmente não estará para comemorar o fim desta etapa. Espero que de onde ela esteja, continue olhando por mim. A ela dedico este trabalho.

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio de uma sociedade: é o conjunto da civilização que elabora este produto, intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

Simone Bevoir, *O segundo sexo*

RESUMO

Declarada a mulher mais bonita do ano de 1984 pela revista Manchete, Roberta Close figura como uma celebridade incomum e exótica: é um homem biológico. Partindo do exemplo dela, o presente trabalho se propõe a analisar de que forma o transexual era representado nas revistas brasileiras, entre os anos de 1983 e 1991, e como essas representações se relacionavam aos papéis sociais de gênero vigentes nesta época. Dentro de um contexto dominante de relações de gênero, pode-se dizer que os transexuais vivem à margem dele, pois pouco se sabe sobre essa realidade e o pouco que se sabe muitas vezes são estereótipos preconceituosos e redutores, associados sobretudo à venda do sexo. Estudar a relação da mídia com a realidade transexual pode apresentar-se como um meio de avaliar como este grupo da sociedade é visto e representado. Para realizar a pesquisa serão usadas revistas de alcance nacional, para público em geral (Fatos e Fotos e Manchete) e voltadas ao público adulto (Ele & Ela e Playboy).

Acervos Consultados

MUSECON – Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

Acervo Pessoal – Caroline M. S. Rosa

Acervo Pessoal – Mário Aleixo

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 - “A imitação que deu certo”	14
Capítulo 2 - “Corpo e alma juntos”	24
Considerações finais	34
Bibliografia	36
Anexos	40

1. INTRODUÇÃO

No início dos anos 80, algumas revistas brasileiras expunham a androginia como sendo a nova representação da década. Destaques do rock, como David Bowie, Michael Jackson e Ney Matogrosso, e, do cinema, filmes como “Tootsie” (1982), “Yentl” (1983), “Vitor ou Vitória” (1982), apareciam questionando o sistema binário de gênero homem/mulher e a maneira tradicional de manifestação de suas sexualidades. Na androginia, a masculinidade e a feminilidade deixam de ser concebidas como duas categorias opostas, de tal maneira que a pessoa pode pertencer a ambas, ao mesmo tempo, pois não existe exclusão entre elas. Assim, uma pessoa pode combinar componentes de masculinidade e feminilidade em qualquer modelo de comportamento, segundo suas preferências individuais e suas necessidades. Portanto, a androginia representaria todas as combinações e sínteses possíveis entre as categorias “homem” e “mulher” (masculino e feminino). É dentro deste contexto que vemos o surgimento de uma figura que marcou época: Roberta Close. Ela aparece pela primeira vez na revista Fatos e Fotos, em 1983, e logo fica em evidência na mídia por ser uma mulher extremamente bonita, simpática, elegante e, principalmente, por se configurar em um enigma sexual: tratava-se de um homem biológico, uma transexual.

Transexualidade, ou “Transtorno de Identidade de Gênero” (termo médico), é uma não adequação do indivíduo ao seu sexo de nascimento, ou seja, é uma incompatibilidade entre o sexo anatômico de um indivíduo e a sua identidade de gênero¹. No discurso da psicanálise e da endocrinologia, transexual é o indivíduo que odeia sua genitália e que necessita de uma cirurgia de redesignação sexual para poder exercer sua heterossexualidade. Já nas Ciências Humanas, se entende que transexualidade não está necessariamente ligada ao sexo e cada transexual vai vivenciar sua sexualidade de forma particular. Até mesmo a relação do transexual com a cirurgia de redesignação sexual nem sempre se dá da mesma forma, sendo muitas vezes mais significativa a troca do nome civil e do sexo no Registro Civil ou até mesmo

1 ATHAYDE, Amanda V. Luna de. Transexualismo masculino. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 45, n. 4, Aug. 2001.

a mastectomia (cirurgia de remoção da mama), no caso dos transexuais FtM (Female to male: mulher para homem), do que a cirurgia readequação sexual².

Neste universo amplo, procurarei responder a uma questão específica: “quais as representações da transexualidade aparecem nas reportagens veiculadas nas revistas brasileiras da década de 1980 sobre Roberta Close e como essas representações se relacionam com os papéis de gênero dominantes na época”. O trabalho enfoca Roberta Close, porém verifiquei que também há outros transexuais que ficaram em evidência na época graças à aparição meteórica da personagem, tais como Sharon e Telma Lip. Para tanto, o estudo de uma personagem específica permitirá acessar aspectos mais amplos da cultura brasileira daquela época.

Roberta Close nasceu em sete de dezembro de 1964, terceiro filho de um casal carioca, morador do bairro de Santa Tereza. Tinha os órgãos sexuais atrofiados e já aos 15 anos começou a se vestir de mulher e a tomar hormônios para se feminilizar. Ganhou as revistas brasileiras por volta de 1983 após sair vencedora do concurso Miss Brasil Gay. Seu sobrenome artístico vem da primeira revista da qual foi capa, a Close. Durante os anos 80 fez inúmeras aparições em revistas e em programas de televisão, chegando a apresentar um programa de entrevistas. Seus principais trabalhos foram na área da moda, pois trabalhava como modelo. Depois de atingir certa fama, ganhava altos cachês para fazer aparições em grandes clubes e eventos. Muitas pessoas queriam ver “La Close” de perto e pagavam para isso. Os trabalhos como modelo e os cachês para as aparições possibilitaram que, em 1989, aos 24 anos, Roberta realizasse a cirurgia de transgenitalização, na Inglaterra³.

Dentro de um contexto dominante de relações de gênero, pode-se dizer que os transexuais vivem à margem dele, pois pouco se sabe sobre essa realidade e o pouco

2 ATHAYDE, Amanda V. Luna de. Transexualismo masculino. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 45, n. 4, Aug. 2001.

3 RITO, Lucia. Muito prazer, Roberta Close. Rio de Janeiro: Record, 1998. 342 p.

que se sabe muitas vezes são estereótipos preconceituosos e redutores, associados sobretudo à venda do sexo. Estudar a relação da mídia com a realidade transexual pode ser um meio de avaliar como este grupo da sociedade é vista e representada. Roberta Close foi sem dúvida uma exceção dentro do contexto dos anos 80, mas também abriu portas para que se pensasse esse conjunto de pessoas e que ganhasse reconhecimento público.

Dentro do levantamento realizado⁴, não há literatura a respeito no âmbito do conhecimento histórico, excetuando-se uma cronologia feita por Pierre-Henri Castel⁵. O autor afirma:

A história do transexualismo no século XX, na senda da história das ideias, da medicina e dos costumes é, por conseguinte, uma tarefa ainda por fazer, de tal modo as questões preliminares de método parecem radicalizar-se diante da singularidade do objeto e da dificuldade de saber do que, de fato, se faz a história.⁶

Analisando as áreas da saúde, das ciências sociais e das ciências jurídicas é possível encontrar diversos estudos que trabalham com a temática transexual, desde mais divulgativos, como o da Berenice Bento, “O que é transexualidade”, até trabalhos que abordam questões mais específicas em relação à transexualidade, como a tese de Flavia do Bonsucesso Teixeira, cujo objetivo é compreender as possibilidades e estratégias da atuação dos transexuais que buscam a redesignação sexual ao se inscreverem no Programa de Transgenitalização coordenado pela Promotoria de Justiça de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-Vida)⁷. Debates sobre a

4 Análise feita nos seguintes bancos de dados: Periódicos da Capes, Portal de teses e dissertações da Capes, Biblioteca da UFRGS, Biblioteca da PUC-RS, Biblioteca da Fapa, Biblioteca da Unisinos, Lume UFRGS e Scielo.

5 A cronologia feita por Pierre-Henri Castel, Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” não chega a fazer uma análise historiográfica mais aprofundada do tema.

6 CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 41, 2001.

7 TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. 2009. 246 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009..

despatologização da transexualidade estão presentes em obras das ciências sociais e da filosofia, como no texto de Judith Butler, “Desdiagnosticando o gênero”. Nas obras da área da saúde nota-se que o posicionamento dominante é tratar a questão transexual como doença que se apresenta sempre com os mesmos sintomas, como fica claro na pesquisa de Amanda de Athayde, da endocrinologia, intitulada Transexualismo Masculino.

Já nos artigos apresentados na esfera jurídica verifica-se que os trabalhos mais recentes, em sua maioria, buscam trazer a cidadania aos transexuais, garantindo que seus direitos civis sejam respeitados, como por exemplo, que possam fazer a troca de nome e de sexo em seus documentos. Rodrigues Vieira (2000) chega a discutir como a justiça pode ajudar a tornar mais rápida e menos dolorosa esta transição, a partir da avaliação de como a questão é tratada em outros países. A literatura jurídica demonstra que há uma resistência da parte dos juízes no momento de conceder as alterações de nome e sexo aos transexuais.

Estas discussões, embora não sejam propriamente historiográficas, ajudam a compreender a transexualidade de uma maneira mais ampla, abordando os aspectos que permeiam seu *locus*.

Tratando-se de estudo de gênero, esta categoria ganha força a partir do final dos anos 70. Com o movimento homossexual, grupos se organizam, realizam-se inúmeras reuniões para discutir as demandas e o ativismo fica mais forte. No Brasil dos anos 80 a temática passa a ser mais discutida como questionamento acadêmico, principalmente com apoio nos escritos de Foucault. A partir do final dos anos 80 surge uma corrente teórica, desenvolvida por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos: a teoria *queer*. A ideia destes estudiosos era a de tornar positiva uma forma pejorativa com a qual se referiam aos homossexuais, com o intuito de insultá-los (algo como “veado” em português). “Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender *queer* como

uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas”⁸. Essa teoria critica a heteronormatividade, ou seja, o fato de que a heteronormatividade foi estabelecida para normatizar a relação sexual, estabelecendo o que é certo e o que é errado. Os teóricos *queers* afirmam que gênero, masculinidade, feminilidade não estão ligados exclusivamente com a estrutura biológica, ou seja, não têm necessariamente ligação com a presença ou ausência de determinada genitália e com determinadas características sexuais secundárias. Berenice Bento afirma que o gênero está relacionado à performance, à prática e ao reconhecimento social, “fazemos gênero no dia a dia”⁹.

Um conceito importante a ser empregado nessa pesquisa é "papel social de gênero", o qual possui dois significados que em casos individuais podem ser divergentes: primeiro, o papel social de gênero de uma pessoa pode ser a totalidade de formas pelas quais um indivíduo pode expressar sua identidade de gênero; segundo, o papel social de gênero das pessoas pode ser definido pelo tipo de atividade que a sociedade determina como apropriada para indivíduos que possuam certo tipo de genitália externa. Notamos a divergência no ponto em que uma das interpretações se baseia na expressão de gênero do indivíduo e a outra na genitália.

Já identidade de gênero, outro conceito importante para esse estudo, se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica (se ela se identifica como sendo um homem, uma mulher ou se ela vê a si como fora do convencional). Pode também ser usado para referir-se ao gênero que certa pessoa atribui ao indivíduo, tendo como base o reconhecimento dos papéis sociais de gênero que esse manifesta. A identidade de gênero não tem necessariamente relação com o sexo biológico do indivíduo através da análise da genitália externa, dos genes ou dos cromossomos.

8 COLLING, Leonardo. Mais definições em trânsito: Teoria Queer. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>.

9 BENTO, Berenice – entrevista em 07/10/10. Disponível em <http://paradiversidade.com.br/2010/?p=328> (acessado em 17/11/2011)

Outro item de fundamental importância para a análise do papel de gênero e identidade de gênero dominantes na época é a mídia. Ao analisar um periódico o pesquisador trabalha principalmente com aquilo que se tornou notícia, ou propaganda, dependendo do objeto da pesquisa. Pontos cruciais como “quais foram os critérios que a matéria teve que satisfazer para se tornar notícia?”, “quais as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa?” devem ser observados para fazer a análise.¹⁰ O espaço ocupado pela notícia informa muito da intenção dos responsáveis por sua publicação.

10 GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES, Fábio Lopes. Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário, Porto Velho, n. 10, jan/dez 2007.

2. CAPÍTULO 1 “A imitação que deu certo”

Nessa sessão trabalharemos com duas revistas voltadas para o público em geral – *Manchete* e *Fatos e Fotos*¹¹. Ambas eram de circulação nacional e suas edições surgiam semanalmente nas bancas. Seu público era basicamente o urbano¹². As reportagens que serão trabalhadas neste capítulo, em número de 23, são de diferentes tamanhos: vão de notas de canto de página até reportagens de 3 páginas. Neste capítulo apontaremos as representações da transexualidade nesses periódicos e como essas representações se relacionavam com os papéis de gênero dominantes naquele período, especialmente o feminino, que era o que estava fortemente presente nas reportagens sobre Roberta Close. Antes, porém, algumas breves palavras sobre as revistas em análise.

A *Manchete*, fundada em 1952 pelo ucraniano Adolpho Bloch, apresentava-se como uma revista de entretenimento e de fatos diversos, como cotidiano de artistas e celebridades: “Tratavam de amenidades, ou, no máximo, curiosidades, mesmo quando científicas (câncer, psicologia, entre outros), sem situar os textos a fim de apresentar uma visão esclarecedora sobre o tema. No momento do seu surgimento tinha a fotografia como um de seus elementos mais relevantes”.¹³ Porém cabe esclarecer que nesta monografia não analisarei as fotografias, apenas os textos das revistas. Mesmo reconhecendo a existência de um íntimo diálogo entre as duas linguagens nas publicações, não me considero habilitada a “ler” as imagens, o que requer um acúmulo teórico e metodológico que não pude adquirir no tempo destinado a esse trabalho.

¹¹ O acervo consultado encontra-se disponível no Museu Hipólito José da Costa, em Porto Alegre - RS

¹² BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A HISTÓRIA DAS REVISTAS NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O SEGMENTADO MERCADO EDITORIAL. UNISINOS..

¹³ Idem

A revista *Fatos e Fotos* era também uma revista de temas variados, mas estava mais centrada em notícias de artistas e celebridades. Foi fundada em 1969, também pela Editora Bloch, e vendida juntamente com as outras revistas do grupo quando a Editora decreta falência, em 2000.

No período histórico em questão, viviam-se os últimos momentos da ditadura civil-militar, o início da abertura política do país e da Anistia, que trazia com ela exilados políticos de volta ao país, com novas ideias e ideais. A chamada segunda onda do feminismo chegava até o Brasil, seguidamente através das anistiadas que retornavam ao país.

Um movimento forte pela anistia estava sendo construído no Brasil, neste momento, e a liderança deste movimento era principalmente feminina. Passado algum tempo, o movimento reivindicou também causas a favor das mulheres. Nas fábricas as mulheres estavam lutando por igualdade de oportunidade, de salário, de ascensão profissional, participando, mesmo que como coadjuvante, dos movimentos operários grevistas da década de 80.¹⁴ A mulher, nesta época, tornava-se mais independente em relação ao homem e mais consciente das lutas que deveria travar.

Longe de ser tratada como uma aberração, a transexualidade, na forma como é apresentada nas revistas, nos remete mais à ideia de um ser infeliz (“A grande e única mágoa de Roberta é não ter nascido com o sexo feminino. No resto, se diz mulher”¹⁵). Uma observação mais geral nos leva a crer que as revistas tinham a tendência de relacionar Roberta Close à figura da mulher cristalizada no imaginário ocidental, identificando-a, na maioria das vezes, como sendo efetivamente do sexo feminino, associando-a com características que a nossa sociedade define como sendo hábitos, maneiras e atitudes tipicamente do segmento feminino. Termos como beleza, delicadeza, boa educação, gentileza e vaidade são amplamente utilizados nas reportagens. Alguns exemplos:

14 TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve historia do feminismo no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1993. 181 p.

15 Manchete ed. 1681

(...) vaidosa, gosta-se toda. Admira-se e acha-se bela. Olha-se no espelho muito.¹⁶

(...) faz poses docilmente¹⁷

(...) o seu objetivo, agora alcançado, é fazer trabalho dentro da publicidade, que se coadune com seu lado feminino. Nada de sentidos dúbios no terreno profissional. No momento, não só no Brasil, mas no mundo, é o único transexual a trabalhar como mulher.¹⁸

Contudo, embora se possa observar uma certa facilidade em associar Roberta Close com os papéis femininos, nota-se que, em alguns momentos, é questionada a relação dos homens e do masculino com a nova “celebridade”. Assim, a revista *Manchete* afirma que a figura de Roberta quebra com o paradigma da mulher (“derrubando em todo território nacional os últimos bastiões do machismo”¹⁹) e mostra também que ela consegue desestabilizar a ordem vigente e o binarismo homem/mulher, afirmando: “já disseram que Roberta faz sucesso porque somos um país em crise de virilidade”²⁰. Esta crise poderia significar a perda do “poder” do homem sobre a mulher já que o país passava por mudanças sociais, como a permissão do divórcio e a crescente emancipação feminina.

Coube às feministas e psicólogas a tarefa de fazer uma análise mais crítica e direta sobre o fenômeno “La Close”. Nessas falas, é identificado o status da mulher como objeto do homem, e Roberta representava uma mulher à moda antiga, pois, nos anos 80, as mulheres estariam buscando ainda mais sua independência perante os homens, seja em casa ou no trabalho. A feminista Rose Marie Muraro²¹, convidada a

16 Fatos e Fotos ed. 1211

17 Fatos e Fotos ed. 1226

18 Manchete ed. 1681

19 Manchete ed. 1716

20 Manchete ed. 1681

21 Física e economista, foi eleita patrona do feminismo em 2006, o que ratifica seu pioneirismo no movimento feminista.

falar sobre *La Close* à revista *Manchete*, afirma: “(ela é) um produto do subdesenvolvimento”. Na mesma reportagem a sexóloga comportamental e apresentadora do programa *TV Mulher* da Rede Globo Marta Suplicy, completou:

O estereótipo de ser mulher, numa sociedade patriarcal onde a mulher é objeto de prazer e de luxo, que agrada aos olhos, mas não amedronta, ainda mais num momento onde elas estão tão exigentes e reivindicadoras, apenas amável, sorridente, cheirosa, convidativa, mais atraente ainda na ausência da alteridade, escudo e proteção da homossexualidade não assumida.²²

Roberta parecia trazer de volta aquilo que as feministas, principalmente as da segunda onda, queriam tanto destruir: a desigualdade entre homens e mulheres. *La Close* representaria, nessa perspectiva, o retrocesso das conquistas femininas e um arrefecimento da luta pela igualdade das mulheres perante os homens. Cabe ressaltar aqui que esta é a única reportagem que traz uma especialista nos estudos sobre o feminino ou da psicologia para fazer uma análise do “fenômeno”. As falas são pequenas, porém não há uma desqualificação das falantes, tão pouco uma descrição mais detalhada de quem elas são. Isso nos leva a crer que as revistas procuravam, de certa forma, neutralizar essas vozes.

A homossexualidade também aparece como uma manifestação desta transexualidade. Em diversas matérias observa-se o uso de termos como “assumir-se” ou “outros gays”, como veremos a seguir. Há também a construção da imagem de Roberta como um homossexual diferente dos outros, por ser mais discreta na maneira de manifestar sua homossexualidade:

“É uma pessoa no limite das coisas e, apesar disto, muito segura de si mesma, não fica sendo espalhafatosa para aparecer, é muito dela, supersensível e nada vulgar. Exatamente como a quero no meu filme²³”. [Antonio Carlos

22 *Manchete* ed. 1676

23 O filme em questão era “Alma, um sonho de amor”, no qual Roberta seria protagonista. Pela pesquisa feita o filme não foi realizado.

Fontoura, diretor de cinema] Ela abaixa a cabeça. Recebe a frase como um galanteio. Roberta é muito sensível, sabiam?”²⁴

Em relação à apreciação de homossexuais e outros transexuais sobre Roberta, as revistas também parecem neutralizar essas opiniões. Vemos aqui que essa não aceitação, ou aceitação parcial, de “La Close” também fica patente quando as revistas indicam as opiniões de outros homossexuais, transexuais e transformistas a respeito dela. As reportagens mostram Roberta como um ser homossexual/travesti fora dos padrões, que em muito se assemelha a uma mulher. Talvez a intenção fosse passar a imagem de que Roberta era sim uma mulher, embora incompleta: “(...) são os travestis os que mais relutam em aceitar o fenômeno Roberta. A concorrência no sentido inverso passou a ser desleal uma vez que ela não caricatura, como no mundo gay, a mulher.”²⁵

Dentro desta esfera, Roberta deixa de ser a caricatura, o “mal-acabado”, e passa a ser, efetivamente, a encarnação do feminino:

(...) impondo seu trabalho como modelo exclusivamente feminina. Caso único, em que se tratando de um esfera onde a conjugação de masculino/feminino pendem para um aspecto dúbio em que, mesmo com a ajuda do silicone e de outros recursos usados por transformistas, sempre são notados.²⁶

E, com isso, ela traz de volta a aura mítica da mulher à moda antiga, “tranquila e recatada”²⁷, dona do lar: “Mora só, num apartamento aconchegante, cercada de plantas, livros e discos, onde a presença de estranhos é vetada”. Por vezes fica a impressão de que Roberta seria uma perfeita dona de casa e mãe, mesmo isso sendo um aparente contrassenso, visto que uma transexual jamais poderia gerar filhos

24 Fatos e Fotos ed. 1233

25 Fatos e fotos ed. 1226

26 Manchete ed. 1666

27 Manchete ed. 1767

biológicos e, portanto, cumprir a “missão máxima” da “mulher ideal” segundo os padrões tradicionais: ser mãe.

Além disso, a imagem de Roberta estava associada também ao carnaval, ao nu e ao sexo, mesmo que não necessariamente com a venda dele (como veremos no próximo capítulo). Assim, nas palavras da revista *Fatos e Fotos*, Roberta “Trouxe de volta o tipo romântico, um tanto em desuso. Sua beleza é cantada em verso e prosa, embora exista o reverso da medalha: os que a acusam de não ter, além da beleza, nada para apresentar.”²⁸

Este feminino ambíguo, mistura de mulher à moda antiga com *femme fatale*, talvez seja reforçado pela dúvida que as revistas procuravam suscitar nos leitores, ao fazer questionamentos como:

Se a musa de Da Vinci era homem, como houve quem afirmasse, nem por isso o quadro La Gioconda deixou de ser a obra-prima que é. De Roberta também tem se dito muita coisa. Inclusive de que é mulher, uma versão tupiniquim de Vitor/Vitória.²⁹

Tranquila e recatada, ela confunde até as cabeças já confusas pela força do hábito – como a dos psicólogos que tentam explicar o fenômeno.³⁰

Porém, também pode ser que ela suscitasse no público masculino a fantasia, difundida no senso comum, a respeito da mulher “ideal”: uma dama perante a sociedade e um furacão na cama, simultaneamente:

Num terreno mais íntimo, orgasmos normais, sem problemas de frigidez ou indecisões. [...] Na primeira vez misturou um pouco de tudo, prazer, medo,

28 *Fatos e Fotos* ed. 1226

29 Filme de 1983, conta a história de uma cantora, que se faz passar por um homem transformista para conseguir um emprego. *Fatos e Fotos* ed. 1226

30 *Fatos e Fotos* ed. 1674

insegurança. Coisas já superadas. Afinal, aos 14 assumiu-se como o destino tinha traçado.³¹

Essa reportagem acima foi uma das raras vezes em que Roberta falou sobre sua intimidade. Na maioria das vezes, ela se esquivou de perguntas desse tipo. No próprio texto, fez essa ressalva:

Muitas reticências em tudo, muito subtexto. [...] Roberta é uma pessoa nova em todos os sentidos. Por isso mesmo não se sabe bem quem é nem como é nas coisas que faz ou sente. E uma postura meio oriental em relação ao que está acontecendo. “Não é bom nem ruim. É assim”³²

Nas suas entrevistas, “La Close”, de certa forma, parece alimentar o imaginário que se cria em torno da sua sexualidade, mantendo-se aparentemente alheia aos comentários de que seria um símbolo sexual, um objeto do desejo masculino: “estou mais para namoradina do Brasil do que para símbolo sexual”, afirmou ela.³³

Talvez encantasse aos homens também por transmitir a imagem de um ser inacessível e de que, talvez, nenhum homem estivesse a sua altura:

Na Argentina também teve um caso de um portenho, que além de uma declaração de amor, se propôs a vir para o Brasil de armas e bagagens, deixando mulher e filhos para se dedicar de corpo e alma a ela. Roberta riu, balançou os fartos cabelos, e não tomou conhecimento.³⁴

31 Manchete ed. 1707

32 Fatos e Fotos ed. 1233

33 Manchete ed. 1715

34 Fatos e Fotos ed. 1241

E como esse, as revistas ilustram outros casos, como o de políticos que ficaram entusiasmados com a presença de Roberta na Capital Federal:

Em Brasília, recentemente, teve que se esconder no aeroporto, tal a confusão formada entre os passageiros, alguns políticos, que disputavam um autógrafo e a oportunidade de vê-la de perto.³⁵

Fãs e curiosos, também se aglomeravam nas ruas, durante sessão de fotos externas para as revistas. Essa fascinação se destaca nos trechos a seguir:

A primeira tentativa para fotografar Roberta Close na praia foi frustrada pela afluência dos banhistas, que, atraídos pelo maiô ousado e pela presença do fotógrafo tumultuaram o chamado bom andamento dos trabalhos. As exclamações eram as mais empolgadas possíveis. “Que gatinha. Com essa eu casava. É a Miss Haváí? É a Roberta Close? Está maluco, cara? A Roberta Close é travesti e essa aí é mulher! Ah, se ela me desse bola! Mata o velho, mata!”³⁶

(...) a abordagem é sempre a mesma: um pedido de autógrafo. Para uma cantada direta é um pulo, que Roberta descarta gentilmente.³⁷

Apesar da associação direta de Roberta com o feminino, ainda é possível ver traços do masculino, ou da feminilidade incompleta, presente nas representações sobre ela: “Não fosse o gogó e os pés, fêmea pra ninguém botar defeito”, inicia a matéria, parafraseando a música “Close”, de Erasmo Carlos e Roberto Carlos³⁸.

35 Manchete ed. 1716

36 Fatos e Fotos ed. 1241

37 Fatos e Fotos ed. 1226

38 Música gravada em 1984 por Erasmo Carlos. O clipe contou com a presença de Roberta Close, no papel da jovem transexual, personagem da música.

E não é só no corpo que ficam as marcas deste masculino. O nome que ela carrega parece fazer a denúncia de que algo estava errado ou não era “natural”. A própria revista *Manchete* fez essa reflexão e apresentou o seguinte texto:

Na dualidade da sua condição de masculino/feminino o indicador da primeira hipótese é o nome. Roberta, tudo bem. Mas, o Close é um tanto chamativo. O sobrenome incorporado ao pseudônimo – o nome verdadeiro ela não diz – apareceu depois que ela fez uma reportagem para uma revista. E Roberta dá Close pra cá. Roberta dá Close pra lá e nasceu o nome definitivamente.

Excetuando essas duas situações, o masculino é pouco lembrado e quase nunca associado à “La Close”. De todo o modo, se Roberta era vista e retratada pelas revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos* como mulher, ainda havia espaço para a dúvida e para fazer essa “brincadeira” com o mistério que seria o mito Roberta Close. No trecho abaixo podemos ver indícios deste mistério.

[ela é bonita] E foi a exclamação mais ouvida na rua, mesmo por aqueles que a reconheceram. Aí então a comparação com a história, enfocada no filme *Vitor e Vitoria*, como bem lembrou uma senhora em Ipanema, que afirmava, categórica: “é mulher sim, mas diz que é homem só para faturar publicidade”.³⁹

Não podemos deixar de mencionar que outras transexuais apareceram nas revistas depois de Roberta Close e em função dela. De certa forma, ela abriu uma brecha para que outras *trans*, que passavam pelas mesmas agruras que ela, aparecessem nas revistas. É o caso de Telma Lip e Sharon. Sob o título de “Elas não usam silicone”, ambas foram apresentadas aos leitores. As mesmas características usadas para tratar de La Close são usadas nas matérias para falar de Telma e Sharon:

Elas são independentes, mas ultra-femininas. Lindas, mas sem futilidades, inteligentes, sem arrogância. Mas há um senão, um pequeno senão: Telma e Sharon, há 20 anos recebiam na pia batismal os nomes de Ricardo e Henrique.

39 Fatos e Fotos ed. 1233

Pode? Pode. Sem culpa, sem medo, elas formam a linha de frente do que se chamaria de “nova geração gay”.⁴⁰

A primeira frase do trecho já nos remete, pelo uso da conjunção “mas”, à ideia de que a mulher que é independente pode deixar de ser feminina. E aponta também que a arrogância é seguidamente característica da mulher inteligente. Novamente aqui se verifica a tentativa ou o desejo de trazer de volta a “mulher ideal”, talvez diante do avanço do feminismo e suas protagonistas independentes e inteligentes (e pouco femininas). Outro fator importante de análise é a confusão que a revista faz na classificação das transexuais, associando-as à homossexualidade.

Em outra reportagem sobre os ícones do ano de 1984, temos a apresentação de Teri Toyte e Lauren Shipton, duas modelos, a primeira norte-americana e a outra sul-africana, também transexuais e que faziam tanto sucesso quanto Roberta no Brasil. Teri foi escolhida como a garota dos anos 80 por uma junta de editores de moda e Lauren ganhou um ensaio de seis páginas na revista de moda *Vogue*⁴¹. A reportagem, sob o título de “De repente, algumas das mulheres mais fascinantes do mundo são homens (ou já foram algum dia)”, afirma que 1984 foi o ano da androginia:

E a androginia chegou no mundo da produção fotográfica com a consagração de modelos transexuais, como Teri Toyte e Lauren Shipton ou abertamente travesti, como a brasileiríssima Roberta Close.⁴²

40 Manchete ed. 1719

41 Manchete ed. 1715

42 Manchete ed. 1689

3. CAPÍTULO 2 “Corpo e alma juntos”

Neste capítulo, analisaremos as revistas que tem o público adulto masculino como alvo. As revistas abordadas serão a *Playboy* e a *Ele & Ela*⁴³. Nelas, parece predominar a lógica do mistério, do corpo a ser desvendado.

Roberta fez seu primeiro ensaio na Revista *Playboy*⁴⁴ em maio de 1984, fotografada por Paulo Rocha, e ganhou uma nova edição no mês seguinte, com fotos extras e uma análise do psicanalista Eduardo Mascarenhas, famoso por participar de programas de TV para esclarecer questões ligadas à sexualidade, como o TV Mulher, exibido pela Rede Globo. Em setembro do mesmo ano fez um ensaio para a revista *Ele & Ela*⁴⁵, registrado por Indalécio Wanderley. Em 1990, fez novo ensaio, porém, agora, já com a cirurgia de redesignação sexual para a *Playboy*⁴⁶, fotografada por Bob Wolfenson. Nessas revistas, as reportagens incluem entrevistas, que propõem que se conheça e se entenda melhor quem era “La Close”. Vamos, como no capítulo anterior, a uma rápida apresentação de cada uma das revistas.

A *Playboy* foi fundada nos Estados Unidos no ano de 1953 e chegou ao Brasil em 1975. Porém, em função da censura que sofria por parte da ditadura no país, usava o nome de “Revista do Homem”. Só em 1983 a editora ganhou o direito de usar o nome original. Tem periodicidade mensal e é distribuída pela Editora Abril até hoje. Seu conteúdo abrange temas como comportamento, humor, dinheiro, esportes, porém seu foco está na nudez feminina⁴⁷.

⁴³ Acervo disponível no Museu Hipólito José da Costa, à exceção da revista *Playboy* nº 176, de acervo pessoal.

⁴⁴ *Playboy* nº 106, maio 1984

⁴⁵ *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

⁴⁶ *Playboy* nº 176, março 1990

⁴⁷ GONÇALVES, Helena Christina B.; MUNARIM, Iracema; GONÇALVE, Michelle Carreirão. Discutindo masculinidade através da *Playboy*. Revista Motrivivência.

A revista *Ele & Ela* circula mensalmente no Brasil desde os anos 70. Inicialmente era editada pela Bloch Editores e, depois da falência da mesma, passou a ser controlada pela Editora Manchete. Os ensaios de nu feminino são destaque na revista, porém a sessão Fórum, que é um espaço onde o leitor pode escrever desde anúncios para encontro até suas aventuras e fantasias sexuais, também é um espaço muito importante.

Cabe registrar algumas considerações sobre as fotografias. Na revista *Playboy*, a genitália de Roberta não fica em destaque. As fotos mostram, sobretudo, os seios e o quadril de “La Close”, deixando a genitália em um segundo plano. Já na revista *Ele & Ela* a proposta é justamente destacar o órgão sexual, buscando despertar a curiosidade do leitor e, provavelmente, alimentar ainda mais o mistério sobre Roberta ser ou não uma mulher biológica. A chamada de capa é “Roberta Close – As primeiras fotos de nu frontal”. A maneira como as fotos são apresentadas permite inferir que elas foram intencionalmente tiradas de maneira que não ficasse claro onde ou como poderia estar “escondido”⁴⁸ o pênis. Já na terceira edição da revista *Playboy*, o ponto principal é a genitália, agora já operada.

Em relação às matérias, nos são apresentados pequenos textos introdutórios e entrevistas. Para esse capítulo, trabalharemos muito mais com as entrevistas, onde se vê mais claramente o posicionamento da revista em relação ao assunto, pela indução das perguntas.

Após a leitura detalhada dos periódicos, fica visível, ao pesquisador, a intenção de tentar desvendar o mistério que é Roberta Close, seja na maneira como são apresentadas as fotos ou no tipo de perguntas direcionadas a ela. As questões referentes ao corpo e a todas as mudanças que este sofreu estão bem presentes. Nesse sentido, a revista *Playboy* fez uma grande entrevista com ela, de vinte perguntas, e, em sua imensa maioria, as perguntas tratam de sua vida sexual e de

48 Um artifício usado pelos travestis para mascarar a presença do pênis para que esse não se destaque nas roupas é escondê-lo entre as pernas.

como ela teria feito essa transição do corpo de homem ao corpo de mulher transexual. Por exemplo: “Quando você teve sua primeira experiência sexual como mulher?”⁴⁹; “Você gostava de se vestir de mulher?”; “Qual o primeiro dia que você saiu vestida de mulher?”; “Mas como você tratou seu corpo?”⁵⁰.

A introdução da matéria da revista *Ele & Ela*, o jornalista usa um trocadilho para deixar ainda mais visível a confusão e o mistério:

Ele & Ela revela em primeira mão o frontal de Roberta Close, satisfazendo a curiosidade geral e decifrando o maior enigma sexual dos últimos tempos. Veja e comprove: até que, olhando bem, nem parece que não é o que parece mas não é. Tanto que Indalécio e Denny Jô – o fotógrafo e o produtor de Betty Faria, Márcia Porto, Alice de Carli, Xuxa, Luiza Brunet e outras gatas maravilhosas se sentiram à vontade para realizar mais este trabalho.⁵¹

Dentro desta lógica do inexplicável, do segredo que “La Close” guardaria, temos as revistas explorando e suscitando a curiosidade dos seus leitores através de chamadas como “Tudo sobre o enigma que surpreendeu o Brasil”⁵², “Eduardo Mascarenhas decifra o mistério”⁵³, “As primeiras fotos de nu frontal de Roberta Close”⁵⁴, “Pela primeira vez o novo corpo de Roberta Close”⁵⁵. E essas referências também estão presentes nos textos das matérias internas, como nesses exemplos:

49 *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

50 *Playboy* nº 106, maio 1984

51 *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

52 *Playboy* nº 107, junho 1984

53 *Idem*

54 *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

55 *Playboy* nº 176, março 1990

Poucas pessoas provocam curiosidade tão intensa quanto Roberta Close, que, sendo como é, roubou o lugar das mulheres mais bonitas no último carnaval e anda atrapalhando muito a cabeça de muitos homens deste país.⁵⁶

Com a gentileza de sempre, Roberta Close concordou em revelar, nesse ensaio fotográfico, novos ângulos do seu lado feminino. Agora, mais do que nunca, ela merece o título de maior enigma sexual do Brasil.⁵⁷

A musa da Transvanguarda sexual do Brasil. Poucos dias depois do lançamento, já estava esgotada a edição de maio de PLAYBOY com as primeiras fotos de Roberta nua, confundindo o país. Os leitores pediram mais, exigiram bis.⁵⁸

A questão do mistério passa, sobretudo, pela sexualidade. Como Roberta, ou qualquer transexual, vivencia sua sexualidade parece ser algo primordial para que ela seja classificada realmente como transexual e não só como um homossexual mais “afetado”. Este discurso está presente nos textos da área médica, como no texto de Amanda Athayde⁵⁹, e também no senso comum: “Quando a sociedade estabelece que a mulher/homem de verdade é heterossexual, deduz-se, imediatamente, que um/uma homem/mulher transexual também deveria sê-lo, e são construídos dispositivos em torno dessa verdade”⁶⁰. Pode-se dizer, portanto, que há um intuito de normatização, com base na heteronormatividade, dentro da transexualidade de “La Close”. Ou seja, ela sendo mulher, obviamente só poderia gostar de homens e se relacionar com eles heterossexualmente. Não é permitida ou pensada se quer algum tipo de variação dentro desta lógica. Vejamos um exemplo nessa passagem:

56 Playboy nº 106, maio 1984

57 Playboy nº 107, junho 1984

58 Idem

59 ATHAYDE, Amanda V. Luna de. Transexualismo masculino. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 45, n. 4, Ago. 2001.

60 BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro : Garamond, 2006. 251 p.

- Quando você teve sua primeira experiência sexual como mulher?
- Com meu primeiro namorado. Eu tinha 15, 16 anos e ele 21. Ele não tinha preconceitos. Saía comigo como se eu fosse uma namorada comum.
- E aí aconteceu sua primeira vez...
- É.
- E como foi esta experiência?
- Boa, porque nasceu de um amor.⁶¹

No trecho, percebe-se o objetivo de “normalizar” a história de vida de Roberta em um sentido heterossexual, representando-a como uma mulher “comum”, a qual, no âmbito da separação de gênero binária tida como mais adequada em nossa cultura, assume a posição passiva em relação ao homem e associa sexo e amor.

Há, inclusive, uma passagem em que a própria Roberta afirma uma possível heterossexualidade⁶²:

- Seus namorados são “homens normais que gostam mesmo de mulher”?
- Lógico que sim! Nenhum deles tinha tendências homossexuais, se é isso que você quer saber. O problema é que as pessoas confundem muito os travestis do tipo transformistas – que raspam a barba, colocam peruca, usam maquiagem, compondo uma “montagem de mulher” – e os transexuais como eu, que se feminizam inteiramente. Sobretudo porque eu nunca recorri ao silicone e sim aos hormônios. E os hormônios femininos teriam matado, de qualquer jeito, qualquer resquício masculino que acaso pudesse aparecer em mim. Durante a transa eu me comporto como mulher, me sinto como mulher e meu parceiro como homem. É uma relação inteiramente heterossexual.⁶³

Portanto, assim como nas revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos*, nas publicações masculinas também se encontra presente a identificação de Roberta com o feminino, com a mulher ideal: bela, “classuda”, pacienciosa; uma feminilidade tão “natural” que, “naturalmente”, ela só poderia frequentar o banheiro de senhoras. Vejamos mais alguns exemplos nesse sentido:

61 Ele & Ela nº 184, setembro 1984

62 Não há como saber de que maneira se deu a edição das respostas de Roberta para a revista, mas, para efeitos deste trabalho, vamos assumir que elas exprimem o pensamento da entrevistada.

63 Ele & Ela nº 184, setembro 1984

Roberta, a noite toda, esteve impecável. Educadíssima, discreta, não desmunhecou uma única vez. Sua voz é claramente feminina e não efeminada.⁶⁴

Como é ela – que se define como uma pessoa transexual. “Uma moça fina e educada que eu teria o maior prazer de convidar para casa, certa de que encantaria todos os meus amigos” é a opinião da colunável carioca Noelza Guimarães⁶⁵.

Porém, em alguns trechos, esse discurso dominante é rompido e a transexualidade aparece associada à homossexualidade, o que expressa as ambiguidades e as dificuldades de se enunciar o tema. “Você se considera um travesti, um homossexual?”⁶⁶. Apenas a revista *Playboy* procurou definir o que seria a transexualidade, para esclarecer os seus leitores:

O transexual não apenas se parece com mulher, mas se sente inteiramente como mulher e transmite essa impressão. Como diz o analista Eduardo Mascarenhas: “Muitos amigos meus que nunca pensariam em se aproximar sexualmente de um homem, mesmo disfarçado, estariam mais do que prontos a transar com a Roberta Close”.⁶⁷

Em poucas linhas, o assunto é encerrado, evidenciando-se a tentativa de se diferenciar transexualidade de travestismo. Mesmo assim, a fala de Mascarenhas parece buscar, sobretudo, tranquilizar o leitor que sinta algum desejo sexual por Roberta Close, sem por em xeque a sua masculinidade.

A homossexualidade também aparece nas revistas quando os textos procuram demonstrar que Roberta não seria “um desses” homossexuais, que são afetados, que têm a voz feminilizada, que “dão pinta”. Um exemplo desponta no artigo de Eduardo Mascarenhas:

64 *Playboy* nº 106, maio 1984

65 Atriz e modelo, celebridade nos anos 80. *Playboy* nº 106, maio 1984

66 *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

67 *Playboy* nº 106, maio 1984

Vi Roberta Close pela primeira vez há uns três ou quatro anos, num baile de carnaval no morro da Urca. Torloni, Arnaldo Jabor e eu esperávamos na fila do bondinho e pouco a nossa frente, estava uma mulher tão linda que não pudemos deixar de cochichar, um para o outro, a força de sua beleza. Horas depois, papo vai, papo vem e alguém nos disse de quem se tratava. Ficamos os três simplesmente boquiabertos. Realmente, quase não dava pra acreditar. A **genuína feminilidade sem qualquer afetação**, as formas arredondados do corpo, a textura da pele e a carnadura eram de **uma jovem e bela mulher** – diria até de uma gatinha, dessas que cada verão carioca lança anualmente nas praias para enfeitar ainda mais a natureza.⁶⁸

Em outra fala, Mascarenhas analisa o que seria essa nova comunidade gay, a exemplo de Roberta Close, que estaria surgindo na sociedade.

Paralelamente a esse crescimento da comunidade gay, decresce, a olhos vistos, a figura do “**bicha louca**” ou do “sargento sapatão”. O que se começa a ver são homens fortes e viris amando e sendo amados por homens fortes e viris. **Tudo muito masculinamente**. E mulheres delicadas e femininas amando e sendo amadas por mulheres delicadas e femininas. Tudo muito femininamente. A prosseguir essa tendência, o “bicha louca” e a “parayba mulher-macho”, em alguns anos se tornarão espécies em extinção. (...) Começa, além do travesti, a aparecer um outro tipo na comunidade gay, os homens serenamente femininos (e não efeminados) e as mulheres serenamente masculinas. Tudo com muita serenidade, sem maiores **afetações** ou **estardalhaços**. É como se a identidade sexual, que cada qual escolhe para si, já não estivesse sendo tão problemática quanto antes. Parece que se aproxima o dia que cada pessoa poderá assumir a identidade sexual que quiser. Antes do ano 2000, chega-se lá. Pelo menos nas vanguardas culturais é claro.⁶⁹

Mais uma vez, percebe-se a tentativa de valorizar o masculino e o feminino “genuínos”, sem ambiguidades, mesmo no âmbito da “comunidade gay” e das “vanguardas culturais”.

68 Playboy nº 107, junho 1984 – grifos meus

69 Idem

A questão da homossexualidade passa também pelo espectro da classe social. Identifica-se na *Playboy* duas passagens que podem demonstrar que havia essa diferenciação que há entre o homossexual pobre e o de classe média.

Porque Roberta é, sem dúvida, diferente. Não pela infância, aparentemente banal. Carioca de classe média, nascida e criada nas montanhas do bairro de Santa Tereza, numa rua calma que dá numa praça junto ao colégio Guatemala.⁷⁰

Na opinião de psicólogos, o homem que procura o travesti tradicional (seja nas ruas, por sua própria conta e risco – ou nas agências especializadas que anunciam nos jornais e cobram de 10 mil até 100 mil cruzeiros) estariam satisfazendo um sonho de homossexualidade sem a ressaca moral do homossexualismo. Mas, no caso dos que procuram transexuais de alta classe, tudo se torna mais ambíguo.⁷¹

Não se localizou uma associação direta de Roberta Close com o masculino em nenhuma das revistas, à exceção de uma única pergunta apresentada na *Ele & Ela* (“E o que acontece com os outros homens na hora de ir pra cama? Eles se interessam pelo seu lado masculino ou fazem como se esse pequeno detalhe não existisse?”)⁷². O que aparece são referências ao seu “passado masculino”, mas sempre como uma maneira de legitimar a transexualidade de *La Close* ou os traços de feminino que ela já carregava desde criança:

Diante de nós está Roberta Close, um mito dos anos 80. Rosto de mulher bonita, cabelos de mulher, corpo e gestos femininos. “Me sinto mulher”, diz Roberta. Durmo de baby doll, me visto como mulher, minha cabeça é feminina. Se me chamam de ele, me sinto agredida⁷³.

70 *Playboy* nº 107, junho 1984

71 *Idem*

72 *Ele & Ela* nº 184, setembro 1984

73 *Idem*

[ao lado de uma foto da Roberta] Roberta, aos 13 anos. Menino ou menina? - Uma época agitada à procura de grandes definições e dos primeiros namorados.⁷⁴

[referindo-se à infância de Roberta] E você gostava de se vestir de mulher?

Mas isso não aconteceu com outra transexual que posou para a *Playboy*, certamente na esteira do sucesso de Roberta. Em algumas edições posteriores, a revista trouxe para as suas páginas o nu das “rivais de Roberta Close”⁷⁵. Foram então apresentadas duas pessoas: Suzane Albuquerque, de 17 anos, e Telma Lip, de 20. A primeira, uma mulher em termos biológicos, tratava-se de uma sócia de Roberta Close; a outra, uma transexual, assim como Roberta. Porém, há uma diferença crucial: Telma Lip é identificada como homem pela revista:

[fazendo referência às fotos apresentadas na página] Essas duas silhuetas, **uma pertence a um rapaz**, Ricardo Franco, aliás, Telma Lip, e outra a uma garota, Suzane Albuquerque. Quem é quem? Muito fácil. Pelas fotos das páginas seguintes, você verá que uma delas é quase uma sócia perfeita de Roberta Close. A sócia é Suzanne. **A mulher de verdade.**⁷⁶

O binarismo retorna nessa passagem de maneira marcante, afirmando-se a associação entre corpo (genitália) e gênero, apesar das aparências: Telma é um homem e pronto! Outra observação que cabe neste trecho é em relação à expressão “mulher de verdade”, aquela que tem o genital feminino, a qual, ambigualmente, seria sócia de “La Close”.

Nota-se, em algumas passagens, que os repórteres, e talvez o próprio corpo editorial da revista, não fazem nenhuma diferenciação entre gênero e sexo. Não separam o físico (*sexo*) do simbólico (*gênero*), ou, como ressalta Berenice Bento:

74 *Playboy* nº 107, junho 1984

75 *Playboy* das rivais - grifos meus

76 *Idem*

“Toma-se a parte (as genitálias), pelo todo (o corpo). É como se a genitália fosse o corpo. Este movimento de construir o argumento metonimicamente espelha a própria interpretação moderna para os corpos, em que o sexo define a verdade última dos sujeitos”⁷⁷. Ou seja, a presença do órgão genital define o sujeito.

É essa busca pela “mulher de verdade” que se destaca nos textos sobre Roberta, como se a mudança de genitália a tornasse, finalmente, uma mulher plena:

- Você disse que se sente mulher. Alguma vez lhe ocorreu fazer uma operação para definir seu sexo?
- Já. A gente sempre pensa, não é?
- Por quê?
- Ah, porque eu não gostaria de parecer diferente. Na própria profissão de modelo, quando a gente posa nua, tem que mostrar tudo, não é? E eu acho que seria melhor.

Ao que parece, as revistas não foram capazes cumprir suas promessas de “decifrar” Roberta Close. Tão pouco conseguiram ajudar a compreender um pouco mais o que era a transexualidade. Como disse uma reportagem da *Playboy*, a matéria com “La Close” estaria “esclarecendo melhor – ou confundindo de vez – as cabeças desse país.”⁷⁸ As revistas mais reafirmam o binarismo do que o contestam, mais tranquilizam do que confundem.

77 BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro : Garamond, 2006. 251 p.

78 *Playboy* nº 107, junho 1984

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisados, neste trabalho, as representações de transexualidade presentes nas revistas brasileiras da década de 1980 e como essas representações se encaixam nos papéis sociais de gênero vigentes na época. Durante a pesquisa, houve dificuldade para encontrar trabalhos que tratassem da transexualidade dentro da área da História, o que pode indicar ser um tema pouco visado pelos estudos históricos.

Na primeira parte do trabalho foi feita uma análise de como a transexualidade estava presente nas revistas voltadas para o público em geral. Através do que foi apresentado, chegou-se a conclusão de que a transexualidade de Roberta Close estava associada a figura da mulher mas não de uma mulher dos anos 80. As revistas parecem destacar seus atributos femininos ligados a mulher à moda antiga, ainda dependente do homem e voltada ao lar e à família. Adjetivos como educada, simpática e delicada são usados para descrevê-la. Pela bibliografia coligida fica patente que essa postura seria o retorno a um tempo onde a mulher não estava tão independente do homem.

No segundo capítulo tratou-se da imagem da transexualidade nas revistas de conteúdo adulto. Nesta segunda parte Roberta Close está associada a questão do mistério, do corpo a ser desvendado.

Tanto nas revistas para público em geral quanto nas voltadas ao público masculino a transexualidade aparece desvinculada da homossexualidade, mesmo que em alguns momentos apareçam algumas relações. Várias são as referências que ficam aparentes quando o assunto é essa “nova” homossexualidade, uma homossexualidade mais feminina e menos afeminada, como é destacada por Eduardo Mascarenhas.

O masculino estava pouco presente nas reportagens, e muitas vezes ele somente aparecia para reforçar a transexualidade de Roberta. Nas revistas para público em geral este masculino era brevemente citado. Já nas revistas para o público masculino, identificou-se uma tentativa de tranquilizar os leitores em relação ao seus desejos por Roberta, afirmando que sua condição de homem biológico seria um detalhe. Para a *Playboy*, Eduardo Mascarenhas faz uma crônica onde parece tranquilizar o leitor de que o fato de se sentir atraído por uma travesti como Roberta

não o tornava um homossexual, já que ela era muito feminina e um travesti de alta classe.

Quanto aos convidados para falar sobre Roberta, as revistas apresentavam sexólogos, fazendo pequenas análises, não muito complexas (à exceção da *Playboy*, na matéria de Eduardo Mascarenhas). Não ficam presentes grandes análises sobre o que seria a transexualidade e como isso era tratado no discurso da área da saúde. As análises ficavam muito mais no âmbito sexual, no sentido de tentar entender porque Roberta chamaria tanto a atenção da mídia sem levantar o habitual repúdio que a maioria dos brasileiros tinham em relação aos homossexuais.

Outro ponto que cabe destaque é a ausência, nas matérias, de militância de Roberta Close nos movimentos LGBT⁷⁹ ou pela causa dos transexuais mais especificamente. Por ela mesma se afirmar uma mulher heterossexual, que mantinha relações heterossexuais, pode ser que esta luta tenha ficado em segundo plano. Porém, há também a hipótese de que os editores das revistas tenham deixado estas questões de lado, visto que a homossexualidade era um tabu.

Se, por um lado, Roberta representou uma ruptura dos paradigmas da homossexualidade na época, sendo bem recepcionada e tendo grande destaque na mídia, por outro representou um retrocesso, sendo uma espécie de representante da mulher à moda antiga. Sua imagem é constantemente associada à mulher educada, polida, dona do lar, zelosa e submissa e não à mulher brasileira dos anos 80, que estava em busca da sua independência e que lutava cada vez mais por seus direitos, principalmente de igualdade de oportunidade. Gerava uma espécie de nostalgia nos homens, que estavam à procura de mulheres que representassem o ideal por eles desejado.

⁷⁹ Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros

5. BIBLIOGRAFIA:

ARAN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 3, Dec. 2009 .

ARAN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONCO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, Aug. 2009 .

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 117, Nov. 2002 .

ATHAYDE, Amanda V. Luna de. Transexualismo masculino. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 45, n. 4, Aug. 2001.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A HISTÓRIA DAS REVISTAS NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O SEGMENTADO MERCADO EDITORIAL. UNISINOS. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro : Garamond, 2006. 251 p.

_____, O que é transexualidade. São Paulo : Brasiliense, 2003. 184 p.

_____, entrevista em 07/10/10. Disponível em <http://paradiversidade.com.br/2010/?p=328> (acessado em 17/11/2011)

BUTLER, Judith; RIOS, André H. Desdiagnosticando o gênero.

_____, Corpos que pesam : sobre os limites discursivos do "sexo". In: O corpo educado : pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte : Autêntica, 1999. p. 151-172
Physis. Rio Janeiro: 19(1):95-126, 2009.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: "drag queens", travestismo e transexualismo. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 18, n. 3, Dec. 2005 .

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 41, 2001 .

COLLING, Leonardo. Mais definições em trânsito: Teoria Queer. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso na pesquisa histórica. In: Cadernos do PPG de História da UFRGS. Porto Alegre, v.13 pp 19-29. 1995

GUARNIERI, Ivanor Luiz; ALVES, Fábio Lopes. Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário, Porto Velho, n. 10 , jan/dez 2007.

GOLDENBERG, Mirian. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, Dec. 2009 .

GONÇALVES, Helena Christina B.; MUNARIM, Iracema; GONÇALVE, Michelle Carreirão. DISCUTINDO MASCULINIDADE ATRAVÉS DA PLAYBOY. Revista Motrivivência. Disponível em: <<http://150.162.1.115/index.php/motrivivencia/article/viewFile/966/4338>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F.. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. Cad. Pagu, Campinas, n. 33, Dec. 2009 .

LOURO, GUACIRA LOPES. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001 .

MACIEL-GUERRA, Andréa T.; GUERRA-JUNIOR, Gil. Intersexo: entre o gene e o gênero. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 49, n. 1, Feb. 2005 .

MENEGHEL, Stela Nazareth. Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, Dec. 2010 .

Méndez, Natalia Pietra. Com a palavra o segundo sexo : percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960 [manuscrito]. 2008. 301 f.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, Franca, v. 24, n. 1, 2005 .

PROCHNO, Caio César Sousa Camargo; NASCIMENTO, Maria José de Castro; ROMERA, Maria Lúcia Castilho. Body building, travestismo e feminilidade. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 26, n. 2, June 2009 .

RIBEIRO, Paula. Papéis de gênero e gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista Capricho, 2001-2002. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. 21p.

RITO, Lucia. Muito prazer, Roberta Close. Rio de Janeiro: Record, 1998. 342 p.

ROUCHOU, Joelle. História Oral: entrevista–reportagem x entrevista-história, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – REVCOM – 2000, disponível em:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/800/583>

SANTOS, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. Rev. Antropol., São Paulo, v. 40, n. 2, 1997 .

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria de análise Histórica. Educação e Realidade. 20(2):71-99 jul/dez 1995

SILVEIRA, E.. ESTUDO DE CASO E MICRO-HISTÓRIA: distanciamentos, características e aproximações. Revista Eletrônica História em Reflexão, América do Norte, 4, dez. 2010.

SILVEIRA, Esalva Maria Carvalho. De tudo fica um pouco: a construção social da identidade do transexual. 2006. 304 f. Dissertação (Mestrado) - Puc-rs, Porto Alegre, 2006.

TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. 2009. 246 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Teles, Maria Amelia de Almeida. Breve historia do feminismo no Brasil. Sao Paulo : Brasiliense, 1993. 181 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, Sept. 2008 .

TORRAO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Cad. Pagu, Campinas, n. 24, June 2005 .

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Aspectos psicológicos, médicos e jurídicos do transexualismo, Psicólogo inFormação, São Paulo, ano 4, nº 4, jan/dez. 2000

_____, Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, 2000, 2: 88-102

Anexos



Playboy, 1984



Ele e Ela, 1984



Capa Ele Ela, 1984



Fatos e Fotos, 1984